



RESENHAS

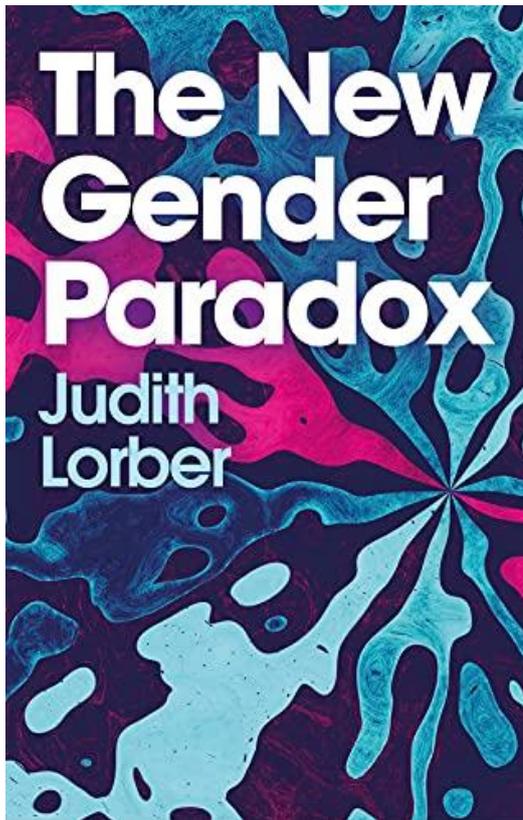


LORBER, Judith. **The New Gender Paradox: Fragmentation and Persistence of the Binary.** Cambridge: Polity Press, 2022.

Laura Ribeiro ARAÚJO, *Universidade Federal de Minas Gerais.*

Resumo: Publicado em 2022, "The New Gender Paradox", de Judith Lorber, oferece uma visão geral do campo de estudos sobre gênero, discutindo aspectos de dissolução e de permanência do binário. Sem se aprofundar no tema, a autora perpassa as principais publicações das últimas décadas, focando no processo de construção social de gênero para discutir elementos de contestação e práticas de manutenção de gênero na sociedade. O livro é uma alternativa de entrada no campo de estudos sobre gêneros, abrindo novas rotas para exploração de manifestação de identidades e revelando lacunas nos estudos contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos de Gênero. Feminismo. Binarismo.



Publicado em 2022, “The New Gender Paradox” (“O novo paradoxo de gênero”, em tradução livre), de Judith Lorber, vem atualizar as leituras de gênero apresentadas em seu livro “Paradoxes of Gender” (1994), também sem tradução para o português. Nesse novo volume, lançado pela editora britânica Polity, a autora promete não só revisar os estudos contemporâneos sobre construções sociais de gênero que vêm ganhando força nas últimas décadas, mas também explorar os processos de fragmentação e de persistência de gênero que vêm tanto questionando o binário quanto reforçando sua presença nas práticas e discursos sociais. Os quatro capítulos do livro cobrem, então, a presença de leituras de gênero em pessoas,

sociedades e organizações, passa por ações de reforço e quebra de estereótipos de gênero nesses espaços, e encerram o volume com uma reflexão sobre a constante promessa de uma revolução dos gêneros.

Judith Lorber é hoje professora emérita de sociologia e estudos femininos na Escola de Pós-Graduação da Universidade da Cidade de Nova York, nos Estados Unidos. Seus escritos marcaram profundamente o campo de estudos de gênero e do feminino, estabelecendo novos paradigmas para a perspectiva da construção social de gênero no campo da sociologia. Lorber foi também responsável pela implementação de estudos voltados para a sociologia de gêneros e teorias feministas na Faculdade do Brooklyn, encabeçando a fundação do periódico “Gender & Society”. Dentre suas produções destacam-se textos com abordagens didáticas que não só introduzem correntes teóricas voltadas para a compreensão de gênero na sociedade, mas também introduzem novas visões sobre os processos sociais de binarização e de desbinarização de gênero e seus efeitos nos mais diversos campos da vida cotidiana, como “Paradoxes of Gender” (1994), “Gender and the Social Construction of Illness” (2002) e “Gender Inequality: Feminist Theories and Politics” (2011).



De volta ao livro, temos um primeiro capítulo, “How Gendered People, Organizations and Societies Are Constructed”, que inicia com breves considerações sobre os modos pelos quais as relações de opressão de gênero vêm se modificando com o tempo, tomando como foco alterações nos modos de produção, no lidar com o público e o privado e nas estruturas familiares predominantes. Lorber comenta como o conceito de gênero deixa sua leitura de atributo que emana do indivíduo em direção ao social e passa a ser entendido como um conceito elementar na construção da sociedade e das relações estabelecidas entre sujeitos. Essa atribuição de gênero a processos e dinâmicas mantém o desequilíbrio nas relações entre homens e mulheres e agrava opressões que se expandem também na interseccionalidade do gênero com outras categorias como raça, classe, mobilidade etc. Apesar disso, a autora argumenta que, enquanto a estrutura binária de gênero vem sendo fragmentada por identidades não-binárias, por pessoas trans que subvertem expectativas tradicionais de gênero ou por aquelas que se identifiquem no continuum do queer, essas mesmas estruturas são reforçadas não apenas por teorias que acreditam haver no biológico alguma diferença essencial entre o feminino e o masculino, mas também por ações que levem o binário homem x mulher como centro de investigação.

Ainda no mesmo capítulo, Lorber faz um breve apanhado do histórico dos estudos de gênero, iniciando com o trabalho de Harold Garfinkel (1967), passando pela lógica de “doing gender” (fazendo gênero) e finalizando com o conceito de performance de gênero como discutido por Judith Butler em seu revolucionário “Problemas de Gênero” (2003). A autora dedica-se ainda a discutir, com mais profundidade, os efeitos de diferenciação de gênero em espaços sociais, e retoma seu trabalho em “Paradoxes of Gender” (1994) para discutir os princípios que estruturam a diferenciação de gênero como aparato social. Ao oferecer uma revisão das principais concepções que tratam gênero como construção social em lugar de determinismo biológico, o capítulo nos traz a oportunidade de nos recolocarmos na linha temporal dos estudos de gênero das últimas décadas, convidando a leitora a refletir sobre os processos sociais que celebram a construção individual de gênero ao mesmo tempo em que perpetuam dinâmicas de opressão em espaços sociais.

Já o segundo capítulo, “Fragmentation of the Gender Binary”, foca nos processos de fragmentação introduzidos no primeiro capítulo. O primeiro processo discutido é o da multiplicação do gênero, um



movimento que, na dissolução do binarismo, busca expandir as possíveis identificações em lugar de abolir essas mesmas possibilidades. Uma das vantagens desse processo é justamente a de abrir o leque de identidades ao mesmo tempo em que questiona o posicionamento polarizado de homem-mulher em um contínuo de gradação tão comumente adotado mesmo em círculos que pretendem celebrar a dissolução do oposicionismo binário de gênero. Para a autora, é preciso ainda reconhecer as dificuldades encontradas por esses grupos que escapam às expectativas tradicionais de performance e apresentação de gênero, principalmente no que diz respeito à circulação em espaços hostis a essas presenças. O segundo processo tratado neste capítulo é o da implementação de banheiros sem identificadores de gênero para uso. Lorber navega pelo histórico da batalha por banheiros mais inclusivos e, para isso, destrincha “Queering Bathrooms” (2010), De Sheila Cavanagh, e comenta os principais desafios encontrados por pessoas que se encontram fora da lógica cis-heteronormativa de identificação. A análise passa não só pelo aspecto revolucionário de habitar esses espaços muitas vezes inóspitos àqueles que habitam as margens, mas também pelo impacto transformador a nível individual de questionar as divisões de espaços de acordo com o gênero.

Ainda no mesmo capítulo, Lorber traz apontamentos sobre as contradições que a intersexualidade, tanto no âmbito de identidade quanto no âmbito dos esportes, encontra nas representações sociais e leituras de si. O mesmo parece acontecer com homens que menstruam e engravidam, uma vez que a função biológica parece, com frequência, sobrescrever a identidade assumida e performada. Um tópico de alta demanda hoje nos estudos linguísticos e de gênero no Brasil aparece também nesse capítulo em um subtópico sobre neutralização de pronomes. A autora discute a adoção do “They/Them” no inglês e adoção de identidades étnicas neutralizadas, como “latinx” em lugar de “latina” ou “latino” também no inglês. Apesar de não entrar em aspectos psicanalíticos do efeito da língua na construção de si, Lorber reitera a relevância dessas transformações linguísticas nas janelas de compreensão de mundo adotadas por indivíduos da sociedade, trazendo estudos realizados nos Estados Unidos com casos recentes de utilização do pronome pessoal feminino do singular para se referir a cargos como a presidência — questão ainda inovadora para os estadunidenses.

Os últimos dois tópicos desse segundo capítulo tratam ainda de aspectos relevantíssimos na busca pela fragmentação do binário:



primeiro, da condução de pesquisas que busquem multiplicar o escopo comparativo de grupos de indivíduos, ou seja, pesquisas que não foquem apenas no feminino vs. masculino no momento de análise comparativa de dados, mas que abram espaço para que novas identidades permeiem o discurso e desfaçam a lógica de oposição binária prevalente. Segundo, a autora discute os entraves encontrados na fragmentação do binário, como discutida ao longo do capítulo, e convida leitoras para reflexões sobre as consequências desse processo: com a multiplicação de possíveis lócus de identificação de gênero e consequente criação de espaços não demarcados, extinguem-se, daí, espaços seguros de confraternização destinados à celebração de um gênero específico. O capítulo nos convida a pensar como se estruturam as principais barreiras a processos de dissolução de gênero, mas não discute como, eventualmente, ultrapassá-las, tampouco se aprofunda no efeito dessa dissolução em lutas contra opressão que tomam como centro o feminino. Como evitar uma dissolução que aponte novamente para o masculino como o espaço do não-gênero? Infelizmente, Lorber não se demora sobre essa questão.

O terceiro capítulo, “Persistence of the Gender Binary”, vai, então, no sentido contrário ao discutir processos que garantam a manutenção e hegemonia do binário na sociedade. O primeiro ponto de discussão não poderia ser outro senão o mito da diferença de cérebros masculinos e femininos. Nesse tema, Lorber apresenta com brevidade os principais argumentos que ancoram no biológico como fonte de diferenciação entre homens e mulheres, listando, em seguida, as contrariedades encontradas nesse tipo de abordagem. Aspectos como influência do contexto social, duplicidade de efeitos hormonais no corpo, desnaturalização de comportamentos associados a determinados gêneros e estudos modernos são trazidos pela autora como argumentos iniciais que desbancam o determinismo biológico de gênero. O segundo ponto de discussão é sobre a apresentação de pesquisas que tomam a oposição de feminino e masculino como centro: a autora usa como exemplo uma série de pesquisas realizadas durante o período de COVID-19 que contrastava mulheres e homens tanto no que diz respeito às taxas de infecção e morte, quanto no que diz respeito à posição de liderança ocupada durante a pandemia. Nesse ponto, a autora questiona como essa oposição parece fixar na representação de mulheres-líderes expectativas de um governo “feminilizado”, uma vez que essas lideranças adotavam ações de valorização da comunidade em contraste com homens-líderes que optaram por metáforas de violência no combate à COVID. Esse tipo de representação naturalmente vai na contramão de ações de fragmentação



ou, ainda, de questionamento de estereótipos associados a determinados gêneros, participando ativamente do processo de manutenção do binário.

Outro ponto de interesse nesse capítulo está na discussão do movimento #MeToo iniciado nos Estados Unidos em 2017 e frequentemente considerado um ponto de virada nos estudos feministas dos últimos anos. Lorber atravessa as principais mudanças legais ocorridas nos EUA como consequência desse movimento, e discute, sem desqualificar o esforço de mulheres contra os abusos sexuais ocorridos em ambiente de trabalho, como a oposição de mulher x homem nesse contexto também reforça leituras de padrões comportamentais de gênero e naturaliza as barreiras que estruturam o binário. O tema da violência de gênero segue esse tópico revelando como a violência é frequentemente retratada como uma expressão de masculinidade e os efeitos dessa fixação nas expectativas do gênero, principalmente quando o oposto é colocado à tona. A autora finaliza o capítulo abordando o modo como o binário é tomado como o ponto de partida em discussões legais, sociais e estruturais e legitimam formas de exploração e violência ainda correntes em nossa sociedade.

O quarto, e último capítulo do livro, “Why Haven’t We Had a Gender Revolution?” traz, enfim, um resumo de todos os conceitos trabalhados até então, convidando leitoras a refletir sobre a fragmentação do binário e a ainda persistente manutenção da estrutura tradicional de homem x mulher. O primeiro tópico abordado foca na lógica de equidade virtual (em oposição à “equidade real”, na qual a busca por dissolução ou pelo apagamento de diferenças sem mudanças estruturais, que permitam a circulação dessas diferenças, acaba por não prosperar. A multiplicação de identidades dificulta também a formação de frentes de contestação unificadas em torno de um objetivo comum: para além da lógica do gênero, precisamos pensar também nos outros eixos que definem a identidade de um indivíduo, tais como raça, classe, religião, mobilidade, dentre outros. Outro ponto de consideração é o modo como determinadas identidades de gênero aparecem na estruturação do contínuo que se estende, como em uma linha, do feminino ao masculino, condicionando a existência de sua identidade à manutenção do binário oposicionista que justamente precisa ser combatido para sua emancipação.

Lorber finaliza o capítulo com sugestões de ações, tanto individuais quanto de ordem legal e estrutural, como concessão de licença paternidade nos mesmos termos da licença maternidade, por exemplo, que auxiliem na redução das diferenças de gênero que normalizam o



binário. A autora comenta ainda como a dissolução de gêneros não resolve, porém, a questão da violência contra a mulher tão enraizada em nossa sociedade na forma de violência doméstica, assédio sexual e outras formas de opressão do corpo da mulher, uma vez que nesse processo, para a autora, mulheres acabam recorrendo ao auxílio de outras mulheres. O objetivo, para Lorber, não é então a extinção da lógica de gênero, mas a extinção das desigualdades de gênero que afetam aqueles à margem do hegemônico. Esse processo, Lorber finaliza, envolve então a simultânea fragmentação e persistência do binário.

“The New Gender Paradox” traz uma visão geral dos estudos de gênero na atualidade, focando sua apresentação em discussões correntes na sociedade estadunidense. Em pouco menos de 100 páginas a autora traz uma revisão sistemática do campo de estudos de gênero e aponta como mesmo na fragmentação do binário encontramos movimentos que agem no sentido de consolidação do oposicionismo de feminino e masculino. Apesar de introduzir os principais temas, a autora não aprofunda na própria discussão. Assim, o livro aparece como boa alternativa para iniciação nos estudos de gênero na contemporaneidade, sugerindo rotas alternativas para a leitura do fenômeno de dissolução e permanência do binário. Infelizmente, o título não traz considerações relevantes sobre o papel do digital nesse processo de fragmentação, sem discutir movimentos oriundos do #MeToo, por exemplo, ou de reclamação de espaços virtuais de interação para discussões de gênero. Do mesmo modo, não existem apresentações de conceito, sendo a leitura dependente de prévia exploração das identidades mencionadas por Lorber. Estudos sobre a lógica de ageneridade também não figuram em “The New Gender Paradox”, o que revela a demanda do campo por produções que considerem essa identidade e seu papel na dissolução do binário.

Referências:

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAVANAGH, Sheila. **Queering Bathrooms: Gender, Sexuality, and the Hygienic Imagination**. Toronto: University of Toronto Press, 2010.



GARFINKEL, Harold. **Studies in Ethnomethodology**. Nova Jérsei: Prentice Hall, 1967.

LORBER, Judith. **Paradoxes of Gender**. Londres: Yale University Press, 1994.

LORBER, Judith; MOORE, Lisa Jean (eds.). **Gender and the Social Construction of Illness**. Plymouth: Altamira Press, 2002.

LORBER, Judith. **Gender Inequality: Feminist Theories and Politics**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

LORBER, Judith. **The New Gender Paradox: Fragmentation and Persistence of the Binary**. Cambridge: Polity Press, 2022.



Resumo em segunda língua

RESUMO (INGLÊS): Published in 2022, "The New Gender Paradox", by Judith Lorber, offers an overview of the field of gender studies, discussing aspects of dissolution and permanence of the binary. Without delving further into the subject, the author goes through the main theories of the last decades, focusing on the process of social construction of gender when discussing elements of contestation and practices of maintenance of gender in society. This book serves as an entry point into the field of gender studies, opening up new ways of exploring the logic and configuration of identities and revealing gaps in contemporary studies.

PALAVRAS-CHAVE (INGLÊS): Gender Studies. Feminist Theory. Binarism.

Laura Ribeiro ARAÚJO

Licenciada em Letras / Inglês e bacharela em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestranda em Estudos Literários pela mesma universidade com bolsa pela FAPEMIG. Atualmente desenvolve pesquisas no campo do feminino em Shakespeare e sobre representação de gênero em ficções de fãs.

Recebido em: 08/07/2023

Aprovado em: 09/10/2023